

## **O QUE OCORREU COM OS TRABALHADORES DESLIGADOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DA MICRORREGIÃO DE JUIZ DE FORA PÓS- ABERTURA ECONÔMICA?<sup>1</sup>**

*Marco Antônio S. de Almeida<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo analisa o mercado de trabalho formal na microrregião de Juiz de Fora (MRJF) e descreve o perfil e a trajetória do trabalhador desligado da indústria de transformação dessa localidade. Busca responder quais foram as características dos trabalhadores que retornaram um ano após serem desligados de seus empregos e verifica-se e quantifica-se a possibilidade de retorno para a própria indústria ou da migração do trabalhador para outro setor. Os principais resultados obtidos indicam que os efeitos negativos das mudanças estruturais da década de 1990 foram verificados de forma mais intensa na microrregião de Juiz de Fora do que no estado de Minas Gerais e no Brasil. A queda do emprego industrial decorrente do ajustamento do mercado de trabalho a essas mudanças ocorreu de forma mais forte na MRJF, ocasionando modificações nas características do emprego e do trabalhador empregado e readmitido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mobilidade. Mercado formal. Indústria de transformação.

---

<sup>1</sup> Agradeço pelos valiosos comentários e correções dos pareceristas da *Revista História & Perspectiva*.

<sup>2</sup> Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense, economista da Universidade Federal de Juiz de Fora, professor do Instituto Vianna Jr. (FGV) e da Faculdade Machado Sobrinho. E-mail: marco.almeida@ufjf.edu.br;marcoasa@gmail.com.

**ABSTRACT:** This article analyzes the formal labour market in the Microregion of Juiz de Fora (MRJF) and describes the profile and the trajectory of the worker disconnected from the processing industry of the area. Sought to answer what are the characteristics of workers who returned a year after being disconnected from their jobs. It was found and quantified the possibility of return to the industry itself or of this migration to another industry. The main results obtained indicate that the negative effects of the structural changes of the decade of 1990 were checked more intensely in the microregion of Juiz de Fora in the state of Minas Gerais and Brazil. The fall of industrial job due to labour market adjustment to these changes occurred so stronger in MRJF, causing changes in the characteristics of employment and employee and readmitted.

**KEYWORD:** Mobility. Formal market. Manufacturing industry.

## 1. Introdução

O comportamento da economia brasileira nos anos 1980 tornou lugar comum atribuir a este momento o título de década perdida. Após os ciclos industrializantes, o processo de substituições de importação esgotou-se e a economia passou por um período de estagnação. Foi uma ocasião fervorosa para a teoria econômica sobre inflação, pois esta tornou-se persistente em altos patamares.<sup>3</sup> Porém, essa década foi caracterizada por grandes avanços da indústria mundial, tanto nos países industrializados quanto nos países de industrialização recente da Ásia. Tal fato ampliou a distância tecnológica brasileira desses países em expansão industrial, sendo que, mesmo o Brasil mantendo uma estrutura complexa e integrada, houve uma redução da competitividade de nossa indústria no início da década seguinte.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> GIAMBIAGI, F., VILLELA, A., BARROS de CASTRO, L.; HERMANN, J. *Economia brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

<sup>4</sup> KUPFER, D. A indústria brasileira após a abertura. In: CASTRO, A. C.; LICHA, A.; PINTO JR, H.Q.; SABOIA, J. *Brasil em desenvolvimento: economia, tecnologia e competitividade*. V. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Com o fim da chamada Guerra Fria, os Estados Unidos passaram a impor suas políticas neoliberais às economias subordinadas. Assim, no contexto externo, os fluxos de comércio, de capitais e novas tecnologias intensificaram-se. Em todo o mundo foram consolidados os processos de liberalização cambial e desregulamentação financeira. A partir de 1989, as diretrizes do Consenso de Washington foram disseminadas nos países da América Latina, enquanto o Brasil adotou tais medidas relaxando totalmente as barreiras não tarifárias às importações, além de reduzir drasticamente os impostos sobre os produtos importados.

Alguns autores não reconheceram o aumento da produtividade advindo da abertura comercial.<sup>5</sup> Outros entenderam que esse aumento foi limitado pelo despreparo das empresas para enfrentar esse choque e que, após o Plano Real, o que ocorreu foi um processo de desindustrialização.<sup>6</sup>

A abertura econômica avançou com muita rapidez, dificultando os processos de adaptação das empresas. Esse choque no ambiente competitivo da indústria colocou a estrutura industrial em desequilíbrio, modificando a estrutura ocupacional brasileira. Os novos processos e técnicas administrativas adotados pelas empresas naquele momento buscaram aumentar a produtividade. A lógica seria se tornarem mais competitivas, porém esse seria um ganho de produtividade perverso, pois, ao contrário do ocorrido na década de 1970, esse ganho veio acompanhado da queda do emprego.<sup>7</sup>

O setor industrial diminuiu sua participação na ocupação total. Diante do ajustamento do mercado de trabalho e das mudanças

---

<sup>5</sup> TAVARES, M. C. A economia política do real. In: MERCADANTE, A. *O Brasil pós-real, a política econômica em debate*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1998.

<sup>6</sup> COUTINHO, L. A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização. In: VELLOSO, J. P. (Org.). *Brasil: desafios de um país em transformação*. Rio de Janeiro: Fórum Nacional; José Olympio, 1997.

<sup>7</sup> FEIJÓ, C. A., CARVALHO, P. G. M. Produção, emprego, salário e produtividade industrial em 1992: um ano de paradoxos. *Indicadores Econômicos FEE: análise conjuntural*, Porto Alegre, v.21, n.1, maio, 1993.

na conjuntura econômica, ocorreu uma tendência de intensificar a migração da mão de obra de um emprego para outro.<sup>8</sup> Na microrregião de Juiz de Fora, esse processo ocorreu de forma ainda mais intensa, se comparada ao Brasil e a Minas Gerais.

O ajuste da década de 1990 aumentou a mobilidade/rotatividade e, se por um lado, essa mobilidade diminuiu o tempo de ajuste em relação a choques, por outro, induziu à baixa qualidade dos postos de trabalho ao reduzir o incentivo das firmas no investimento na formação de seus trabalhadores. Isso propiciou uma piora na qualidade dos empregos, aumentou a informalidade e pressionou a queda da renda dos trabalhadores.<sup>9</sup>

Em média, empregos industriais são melhor remunerados, mais estáveis e apresentam uma maior proporção de vínculos empregatícios formais.<sup>10</sup> Dessa forma, deslocamento de trabalhadores da indústria para comércio e serviços, por exemplo, pode significar perda de estabilidade, de treinamento (capital humano) e, conseqüentemente, queda na renda. A saída dos trabalhadores da indústria para o mercado informal e para o desemprego são fatos ainda mais graves.

Esse cenário de migração entre empregos, de ajuste do ambiente industrial e do agravamento do desemprego trouxe algumas indagações: os empregos formais na indústria diminuiram na década de 1990? A microrregião de Juiz de Fora (MRJF) comportou-se de maneira análoga ao Brasil? Os trabalhadores desligados da indústria de transformação conseguiram retornar ao mercado de trabalho formal? Quais foram as características dos trabalhadores que retornaram?

Para responder esses questionamentos, este estudo está

---

<sup>8</sup> FREGUGLIA, R. S. Readmissão e qualidade do emprego nas trajetórias profissionais dos trabalhadores da indústria naval fluminense. In: *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO/ABET*, Salvador, 2001. Disponível em: <<http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/abet/7nac/>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

<sup>9</sup> NERI, M.; CAMARGO, J. M.; REIS, M. C. Mercado de trabalho nos anos 90: fatos estilizados e interpretações. In: *Texto para discussão*. Rio de Janeiro: IPEA, 743, 2000.

<sup>10</sup> PERO, V. *A formação profissional diante das mudanças no mercado de trabalho no início dos anos 90*. Rio de Janeiro: Senai-DN/Ciet, 1995.

estruturado em cinco seções, contando com esta introdução. Na próxima seção, explora-se o mercado formal de trabalho na MRJF na década de 1990. Em seguida, expõem-se o método de análise, a base de dados, a descrição das variáveis utilizadas, os indicadores e sua fórmula de cálculo, além da censura dos dados. Na quarta seção, averigua-se o destino da mão de obra desligada da indústria de transformação na MRJF na década de 1990. Por fim, expõem-se as considerações finais.

## **2. O emprego na microrregião de Juiz de Fora (MRJF) na década de 1990**

Nos anos 1990, intensificou-se a necessidade de aumentar a competitividade dos produtos nacionais frente aos importados. A indústria promoveu ajustes em que tais mudanças conduziram à modernização das técnicas produtivas e gerenciais poupadoras de mão de obra, o que gerou uma diminuição da ocupação na indústria e na terceirização do trabalho no Brasil.<sup>11</sup>

Os dados do Relatório Anual de Relações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego revelam que, em 1989, havia 112.884 pessoas formalmente empregadas na MRJF. Uma década mais tarde (1999), verificou-se que o número de trabalhadores formalmente empregados permaneceu praticamente o mesmo: 112.794. Ou seja, uma pequena queda. Por outro lado, os censos de 1991 e 2000 mostram que a população dessa mesma microrregião cresceu 13,92%, saltando de 583.117 habitantes para 664.282. No mesmo período, os empregos formais no Brasil cresceram 2,07%, saltando de 24.486.568 para 24.993.265. Isso pode ser um indicativo de que essa microrregião sofreu mais com a abertura comercial em relação a outras microrregiões brasileiras.

Do total dos rendimentos recebidos em Minas Gerais em 1991, a microrregião de Juiz de Fora detinha 4,86%, enquanto as microrregiões de Uberaba e Uberlândia detinham 2,11 e 4,99%,

---

<sup>11</sup> PERO, 1995, p. 3.

respectivamente. Em 2000, a MRJF deteve 4,73% enquanto as microrregiões de Uberaba e Uberlândia passaram a deter 2,24 e 5,1% respectivamente.

De 1991 a 2000, o percentual da renda obtida pelo trabalho na MRJF sofreu um decréscimo de 22,74% de 1991 a 2000. A Tabela 1, adiante, mostra o emprego formal nos anos 1989, um ano antes da abertura comercial, e 1999, na MRJF e no Brasil.

Ao analisar a distribuição da população formalmente ocupada nos outros setores de atividade na MRJF entre 1989 e 1999, percebe-se que a extração mineral, a indústria de transformação e os serviços perderam postos de trabalho e diminuíram sua participação no total da ocupação. O vultoso crescimento dos serviços industriais de utilidade pública pode ser atribuído ao fato de ter sido criada a Companhia de Saneamento Municipal (Cesama) em 1990, uma empresa pública para substituir o Departamento de Água e Esgoto (DAE).

**Tabela 1 – Emprego formal na MRJF e no Brasil segundo setores do IBGE nos anos 1989 e 1999**

Setores	MRJF			Brasil		
	1989	1999	Δ%	1989	1999	Δ%
Ext. mineral	822	262	-68,1	149.264	100.506	-32,7
Ind. transf.	32.716	23.723	-27,5	6.151.654	4.603.893	-25,2
Siup	91	1.508	1557,1	315.006	309.968	-1,6
Const. civil	6.023	7.499	24,5	1.078.332	1.047.891	-2,8
Comércio	14.265	22.386	56,9	3.165.017	3.937.911	24,4
Serviços	44.756	41.568	-7,1	6.997.232	7.986.034	14,1
Adm. públic.	9.238	11.133	20,5	4.959.781	5.969.659	20,4
Agropecuária	1.238	4.714	280,8	385.967	1.035.374	168,3
Out. ign.	3.675	1	-100,0	1.284.315	2.029	-99,8
Total	112.884	112.794	-0,1	24.486.568	24.993.265	2,1

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Rais/Ministério do Trabalho, 2014.

Em relação ao comportamento do mercado de trabalho brasileiro,<sup>12</sup> nesse período, notam-se diferenças no setor de serviços e construção civil. Enquanto o setor de serviços aumentou os postos de trabalho no Brasil, na MRJF esse setor eliminou postos de trabalho. A construção civil revela movimento contrário, ou seja, eliminou postos no Brasil, mas gerou colocações na MRJF. O setor de comércio também se destacou na MRJF, crescendo o dobro de postos criados em relação ao Brasil.

Além da redução do percentual da renda obtida pelo trabalho, da queda do número de postos de trabalho, e da queda dos empregos industriais ao longo da década de 1990, os empregos na MRJF tornaram-se menos estáveis.

Esse aumento da instabilidade no mercado formal de trabalho pode ser visto na Tabela 2. O número de trabalhadores ocupados que possuíam menos de um ano no emprego correspondeu a 33% da força de trabalho formalmente ocupada na MRJF, percentual maior se comparado ao Brasil, que chegou a 27,9%. O mesmo foi verificado ao comparar a faixa de tempo de um a três anos no vínculo empregatício.

---

<sup>12</sup> Os valores para o Brasil incluem a MRJF. Mantiveram-se esses valores, pois, ao realizar os exercícios da retirada da MRJF, os resultados não sofreram diferenças significativas.



**Tabela 2 – Emprego formal distribuído por faixa de tempo de serviço**

Tempo de s.	MRJF				Brasil			
	1989	1999	Δ%	% 1999	1989	1999	Δ%	% 1999
Até 11.9 m.	37.200	37.583	1,0	33,3	7.848.960	6.982.948	-11,0	27,9
1 a 2.9 a.	29.737	31.993	7,6	28,4	6.248.853	6.155.800	-1,5	24,6
3 a 9.9 a.	28.884	27.438	-5,0	24,3	6.656.298	6.827.845	2,6	27,3
10 ou mais	17.026	15.719	-7,7	13,9	3.676.852	4.015.254	9,2	16,1
Ignorado	37	61	64,9	0,1	55.605	11.418	-79,5	0,0
Total	112.884	112.794	-0,1	100,0	24.486.568	24.993.265	2,1	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Rais/Ministério do Trabalho, 2014.

Note-se que os empregos no Brasil são mais estáveis que na MRJF, pois os percentuais de postos ocupados há três anos ou mais são maiores no Brasil, se comparados a MRJF. Além disso, pode ser verificado que esses postos aumentaram no Brasil de 1989 a 1999, enquanto reduziram na microrregião estudada. O mesmo ocorre com os vínculos de mais de dez anos, revelando a instabilidade dos postos de trabalho na microrregião analisada.

**Tabela 3 – Emprego formal distribuído por renda em salários mínimos**

Salário	MRJF				Brasil	
	1989	1999	$\Delta\%$	1999%	1999	1999%
Até 1	9.375	6.754	-28,0	6,0	899.659	3,6
1.01 a 2.0	51.686	46.917	-9,2	41,6	6.437.072	25,8
2.01 a 5.0	31.335	40.611	29,6	36,0	10.606.414	42,4
5.01 a 10	12.577	11.657	-7,3	10,3	4.216.056	16,9
mais de 10	6.177	6.447	4,4	5,7	2.706.228	10,8
Ignorado	1.734	408	-76,5	0,4	127.836	0,5
Total	112.884	112.794	-0,1	100,0	24.993.265	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Rais/Ministério do Trabalho, 2014.

A Tabela 3, acima, mostra que os rendimentos do mercado formal na MRJF situaram-se em posição pior em relação ao Brasil na década de 1990. Enquanto mais de 10% dos trabalhadores formalmente empregados no Brasil recebiam mais de dez salários mínimos, na MRJF, menos de 5% conseguiam auferir o mesmo nível salarial. O percentual de pessoas recebendo menos de dois salários mínimos na MRJF foi 18,14 pontos percentuais maior que os mesmos rendimentos pagos no Brasil. Mesmo com o crescimento de quase 30% dos trabalhadores que recebiam de dois a cinco salários mínimos, essa faixa salarial representava uma participação menor, se comparada ao Brasil.

Em relação à probabilidade de retorno dos trabalhadores desligados da indústria de transformação de Minas Gerais em 1989, os desvinculados apresentaram 46% de probabilidade

de retorno no ano imediatamente posterior à saída da indústria. Esse índice caiu 45,1% para trabalhadores desligados em 1998, os quais regressaram em 1999. Ocorreu também aumento da probabilidade de saída de pessoas do mercado formal de trabalho de 43%, quando 1989 foi o ano do desligamento, para 40,8%, para os trabalhadores desvinculados de seu emprego em 1998.<sup>13</sup>

Tendo em vista a piora na empregabilidade um ano após o desligamento de trabalhadores da indústria de Minas Gerais, e o aumento da saída do mercado formal de trabalho junto com a queda do emprego industrial na MRJF, enfatiza-se a necessidade do estudo da mobilidade ocupacional na microrregião de Juiz de Fora.

### **3. Metodologia**

Com o objetivo de analisar a mobilidade dos trabalhadores desligados da indústria de transformação na microrregião de Juiz de Fora, este trabalho utilizou a base de dados Raismigra, do Ministério do Trabalho e Emprego. Nesta seção explanou-se sobre esses dados e sua censura, sobre as variáveis usadas no estudo, assim como a fórmula dos indicadores utilizados.

#### **3.1. Base de Dados**

A base de dados utilizada neste trabalho foi a Relação Anual de Informações Sociais, construída pelo Ministério do Trabalho e Emprego (Raismigra/MTE), com o objetivo de acompanhar a trajetória dos trabalhadores, as características do vínculo anterior e seu destino. Sua sistematização ocorreu a partir de duas bases de origem, a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), fornecidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

---

<sup>13</sup> FREGUGLIA, R. S.; ALMEIDA, M. A. S.; SANTOS, D. M. A transição dos trabalhadores no mercado de trabalho formal: um estudo aplicado à indústria de transformação de Minas Gerais e Rio de Janeiro nos anos 90. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 377-412, jul.-dez. 2004.

A Rais subestima os empregos no setor agropecuário, bem como, em menor escala, na construção civil e, por outro lado, sobrestima os trabalhadores na administração pública.<sup>14</sup> Para a região Sudeste e para a indústria de transformação, no entanto, a cobertura da Rais parece ser historicamente boa, principalmente por sua natureza censitária, amplitude de informação e dimensão temporal.

No que se refere ao Caged, trata-se de outro registro administrativo<sup>15</sup> que mensura o fluxo de emprego, os desligamentos (demissões, transferências, falecimentos, entre outros) e admissões. Refere-se aos trabalhadores que têm contratos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. Como principal utilidade do Caged, destaca-se o controle do seguro-desemprego, sendo as informações sistematizadas atualmente sob a forma de CD-ROM e on-line.

Assim, a Raismigra possibilita um acompanhamento longitudinal dos trabalhadores desligados da indústria ou de outros setores, conforme as variáveis disponíveis na RAIS. Neste trabalho, destacar-se-ão as evidências, a fim de identificar as características dos trabalhadores e do emprego por eles ocupados. Além disso, pode-se identificar a reinserção desses trabalhadores no mercado formal após a demissão, avaliando as condições do novo emprego. Como observa Pero (1997), a vantagem da Raismigra é que ela possibilita o acompanhamento dos movimentos de cada trabalhador desligado da indústria sob diversos aspectos ano a ano.

Para este trabalho foram utilizados painéis de abrangência dos anos de 1989 a 2000, sendo que seu universo de análise foi composto pelos trabalhadores formais desligados da indústria de transformação da microrregião de Juiz de Fora nos anos de 1989 à 1998, sendo que os trabalhadores desvinculados de 1998 possuem, além da probabilidade de serem expulsos do mercado, a possibilidade de retornar em 1999 ou 2000.

---

<sup>14</sup> NEGRI, J. A. de; CASTRO, P. F. de; SOUZA, N. R. de; ARBACHE, J. S. Mercado formal de trabalho: comparação entre microdados da RAIS e da PNAD. In: *Texto para discussão*, 840. Brasília: IPEA, 2001.

<sup>15</sup> Ver Lei n. 4923/65, cujas informações sobre as relações de emprego são obrigatoriamente declaradas para as Delegacias Regionais de Trabalho – DRT.

A utilização da Raismigra neste estudo está relacionada, por um lado, ao grande volume de dados referentes ao mercado de trabalho com elevado nível de desagregação, permitindo o acompanhamento da trajetória do indivíduo desligado da indústria da MRJF. Por outro lado, a base é uma fonte para a análise de mobilidade do trabalho, na medida em que se pode acompanhar os trabalhadores desligados da indústria entre 1989 e 1998 em seu percurso pelo mercado formal de trabalho até 2000.

### 3.2. Variáveis Utilizadas

As variáveis utilizadas neste estudo foram definidas com dois propósitos básicos. Em primeiro lugar, buscou-se identificar a característica do trabalhador desligado da indústria da MRJF com base nas variáveis faixa etária e grau de instrução.

#### Quadro 1 – Categorização das variáveis

G. Instrução	Setor de destino	Sal. mínimos	Idade (anos)
Analfabeto	Ext. mineral	Até 1	15-17
4ª série inc.	Ind. de tranf.	1.01 a 2.0	18-24
4ª série comp.	Siup	2.01 a 5.0	25-29
8ª série inc.	Cont. civil	5.01 a 10	30-39
8ª série comp.	Comércio	mais de 10	40-49
2º grau inc.	Serviços	Ignorado	50-64
2º grau comp.	Administ. Public.		65 ou mais
Superior inc.	Agropecuária		Ignorado
Superior comp.	Ignorado		
Ignorado			
Total	Total	Total	Total

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Em segundo lugar, avaliaram-se as características do emprego ocupado pelo trabalhador. Nesse caso, utilizaram-se as variáveis categoria ocupacional, tempo de emprego e

remuneração média. Tais variáveis estão descritas com suas respectivas agregações, conforme segue o Quadro 1, acima.

### 3.3. Indicadores utilizados

A probabilidade quantifica as possibilidades de ocorrência dos fenômenos aleatórios, permitindo prever o que pode ocorrer e, ainda, dimensionar a chance de ocorrência de cada uma das possibilidades. Assim, para as análises da Tabela 4, foram usados os indicadores:

$t+1$  = desligados em  $t$  e readmitidos em  $t+1$ /total de desligados em  $t$ .

$t+2$  = desligados em  $n$  e readmitidos em  $(t+2)$ /total de desligados em  $t$ .

Fora do formal = desligados em  $t$ , sem registro de vínculo em  $(t+1)$  e ou  $(t+2)$  /total de desligados.

Em que:

$t+1$  = probabilidade de readmissão em  $(t+1)$  em relação ao total de readmitidos segundo cada variável.

$t+2$  = probabilidade de readmissão em  $(t+2)$  em relação ao total de readmitidos segundo cada variável.

Fora do formal = probabilidade de saída do mercado formal de trabalho.

$$t + i = t_{+1} + t_{+2} = R_{it} / N_{it}$$

Em que:  $R$  = readmitidos segundo  $\tau$ .

$N$  = número total de indivíduos desligados

$i = 1, 2$

$t = (1989, 1994 \text{ e } 1998)$

#### 3.3.1. Percentuais na readmissão

De um modo geral, pode-se definir as proporções de distintos grupos de trabalhadores desligados da indústria juiz-forana conforme sua situação do retorno em relação ao mercado formal de trabalho. Desse modo, em diferentes períodos, de 1989 a 1998, como sendo os anos do desligamento, e de 1990 a 2000, os anos de retorno, pode-se obter as seguintes estimativas de análise usadas nas Tabelas 5, 6, 7 e 8, os quais foram:

X1 = desligados em t e readmitidos em (t+1), (segundo cada classe para cada variável)/ total de desligados em t e readmitido em t + 1.

X2 = desligados em t e readmitidos em (t+2) (segundo cada classe para cada variável)/ total de desligados em t readmitido em t + 2.

Em que:

X1 = percentual de readmissão em (t+1) em relação ao total de readmitidos segundo cada variável por cada classe.

X2 = percentual de readmissão em (t+2) em relação ao total de readmitidos segundo cada variável discriminada por cada classe.

Para avaliar o perfil do trabalhador da indústria, o qual apresenta maiores chances de retornar ou não ao mercado formal de trabalho, os percentuais descritos serão estimados por grau de instrução, faixa etária, setor de destino e remuneração média.

### **3.4. Censura dos dados**

Para analisar a mobilidade do trabalhador desligado da indústria mineira, os dados foram censurados,<sup>16</sup> atribuindo como retorno para o mercado formal de trabalho um ou dois anos após o desligamento. De forma análoga, a mobilidade do trabalhador desligado da indústria de transformação da microrregião de Juiz de Fora também será baseada nessa censura.

Quanto mais longe da data do desligamento, menor é a representação de vínculo empregatício. A partir do segundo ano após o desligamento, a quantidade de retorno torna-se inexpressiva.

## **4. A empregabilidade pós-abertura econômica**

A análise da mobilidade dos trabalhadores desligados da indústria de transformação durante a década de 1990 caracteriza o processo de readmissão do trabalhador no mercado de trabalho formal, e é o que será realizado nesta seção.

---

<sup>16</sup> FREGUGLIA, R. S.; ALMEIDA, M. A. S.; SANTOS, 2004, p. 6.

#### **4.1. Comparação da empregabilidade da microrregião de Juiz de Fora com Minas Gerais e Rio de Janeiro**

A probabilidade de readmissão do trabalhador desligado da indústria no estado do Rio de Janeiro foi inferior à chance de o trabalhador obter um novo emprego em Minas Gerais. A MRJF teve seu PIB real e o emprego no setor industrial reduzido entre 1990 e 1999.<sup>17</sup>

O trabalhador desligado da indústria de transformação da microrregião de Juiz de Fora possuiu uma menor probabilidade de encontrar um novo emprego no mercado formal em relação ao trabalhador com o mesmo perfil em Minas Gerais e Rio de Janeiro. Esse fato ocorreu tanto no ano posterior, quanto dois anos subsequentes à saída do emprego industrial ao longo da década de 1990. Porém, a partir de 1996, a microrregião de Juiz de Fora apresentou uma probabilidade de readmissão no ano imediatamente posterior a seu desligamento maior que a do estado do Rio de Janeiro, chegando a empregar 39,32% dos trabalhadores desligados em 1998, contra 37,98% para o Rio de Janeiro, no mesmo período.

Essa reversão da probabilidade de retorno ao mercado de trabalho juiz-forano, comparada ao fluminense, não se deve a uma melhora na absorção de trabalhadores na microrregião de Juiz de Fora, mas a uma considerável piora na capacidade de absorção de mão de obra pelo estado do Rio de Janeiro.

A Tabela 4 mostra uma diminuição no reemprego no ano subsequente ao desligamento em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e na microrregião de Juiz de Fora. O trabalhador mineiro foi quem teve maior probabilidade de encontrar um novo emprego no mercado formal um ano após seu desligamento, com 45,99% de chances para as pessoas desvinculadas da indústria em 1989, contra 44,28%, no Rio de Janeiro, e 41,71% na microrregião de Juiz de Fora.

A probabilidade de readmissão dos trabalhadores mineiros caiu para 45,06% para os desligados em 1998. Para o mesmo

---

<sup>17</sup> FREGUGLIA, R. S.; ALMEIDA, M. A. S.; SANTOS, 2004, p. 10.



período, a microrregião de Juiz de Fora apresentou uma diminuição para 39,32%, enquanto o Rio de Janeiro foi para 37,98% de chances de retornar para o mercado formal de trabalho do ano subsequente a seu desligamento.

**Tabela 4 – Probabilidade de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação da MRJF, MG e Rio de Janeiro**

Ano de desligamento	T+1	T+2	Fora do mercado formal
Microrregião de Juiz de Fora			
1989	41.7	8.3	50
1995	41.3	9.7	49
1998	39	10.6	50
Minas Gerais			
1989	46	11	43
1995	44	13.7	42.4
1998	45.1	14.2	40.8
Rio de Janeiro			
1989	44.3	11.3	44.5
1995	46	11.7	47.4
1998	38	12.9	49.2

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Raismigra/MTE, 2014.

Em relação ao segundo ano subsequente ao desligamento, observou-se um aumento na participação de recontratados para os dois estados e para a microrregião estudada. As pessoas com saídas de seu posto de trabalho no estado do Rio de Janeiro apresentam uma probabilidade de retornar dois anos após o desligamento em um índice de 11,26%, enquanto a força de trabalho em Minas Gerais teve uma probabilidade de 11,02%. Na microrregião de Juiz de Fora, essa probabilidade foi de 8,31%. Para o ano base<sup>18</sup> de 1998, o estado mineiro apresentou 14,06%

<sup>18</sup> Tomou-se a expressão “ano base” para dissertar sobre o ano do desligamento.

de chances de retorno para esses trabalhadores, ao passo que o estado do Rio de Janeiro apresentou 12,86% e a microrregião de Juiz de Fora teve um índice de 10,62%.

A probabilidade de saída do trabalhador desligado da indústria aumentou ao longo da série, como era de se esperar. Isso ocorreu devido à diminuição da capacidade de retorno ao mercado formal, tanto no primeiro quanto no segundo ano após a saída do emprego industrial, decorrente da crescente absorção das atividades informais durante a década de 1990, do processo de terceirização e do ajustamento produtivo poupador de mão de obra.

Em relação a Minas Gerais e ao Rio de Janeiro, a MRJF apresentou a maior probabilidade de saída do trabalhador desligado da indústria de transformação. Isso pode ser explicado pela perda do dinamismo econômico juiz-forano em relação ao mineiro, pelas sucessivas quedas do PIB industrial de Juiz de Fora e pela preocupante perda de mais de 20% dos postos de trabalho formais na indústria na microrregião de Juiz de Fora na década de 1990.

Tomando como ano base 1989, a MRJF apresentou uma probabilidade de 49,98% de não aceitar os trabalhadores desligados da indústria de transformação. Em seguida, vem o Rio de Janeiro, com 44,46%, e Minas Gerais, com 42,99%. Observando o final da série, percebe-se que a microrregião de Juiz de Fora continuou obtendo a maior probabilidade do trabalhador desvinculado da indústria sair do mercado formal, com 50,05% para os trabalhadores desligados em 1998. Em seguida, o Rio de Janeiro, com 49,16%, e Minas Gerais, com 40,76%. Esse fato revela que, enquanto no estado de Minas Gerais a capacidade de reinserção do trabalhador desvinculado da indústria de transformação aumentou ao longo da década de 1990, na microrregião de Juiz de Fora, a capacidade de o trabalhador desligado no mesmo setor retornar ao emprego formal assumiu trajetória contrária, acompanhando as características do mercado de trabalho fluminense, ou seja, com queda da probabilidade de readmissão no período analisado.

De um modo geral, quanto mais tempo fora do mercado formal, menor é a probabilidade de retorno do trabalhador para esse mesmo mercado. Constatou-se, também, que, ao longo da década de 1990, ocorreram mudanças no padrão da

empregabilidade dos trabalhadores desligados da indústria de transformação, diminuindo, no ano posterior, a saída do emprego ao longo da série, assim obtendo uma pequena melhora no segundo ano subsequente à saída do emprego, além de aumentar a probabilidade de saída do mercado formal de trabalho. Constatou-se que a microrregião de Juiz de Fora possui a pior empregabilidade, seguida pelo Rio de Janeiro. O estado de Minas Gerais encontrou-se em melhor situação no reemprego imediato e no reemprego dois anos após o desligamento.

## **4.2. Características do trabalhador na readmissão**

Os trabalhadores desligados da indústria de transformação da MRJF podem ter possuído características heterogêneas entre todos os grupos de indivíduo. As chances de retorno desses trabalhadores podem ter sido afetadas por características específicas, e este é o objeto de análise desta seção.

### **4.2.1. Faixa Etária**

A análise no momento da readmissão possibilita identificar as características dos trabalhadores que conseguiram retornar ao mercado formal de trabalho. Como pode ser visto na Tabela 5, a proporção de trabalhadores no total de realocados no ano posterior à saída do emprego formal industrial, na faixa etária entre 18 e 24 anos, diminuiu em dez pontos percentuais de 1989 a 1998.

**Tabela 5 – Percentual de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação da MRJF segundo faixa etária**

Faixa etária (anos)	1989	1994	1998	1989	1994	1998
	t+1			t+2		
15-17	6,6	3,5	2,3	3,8	1,9	1,1
18-24	39,2	30,1	29,1	37,24	27,9	32,6
25-29	19,8	22,2	18,5	21,2	22,3	21,3
30-39	22,5	27,4	27,6	25,4	31	26,3
40-49	8,4	13,2	18,1	8,7	12,9	13,1
50-64	2,8	3,5	4,1	2,8	4	5,5
65 ou mais	0,1	0	0,2	0,2	0	0
Ignorado	0,6	0,1	0	0,5	0	0,2
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelo autor com base na Raismigra/ TEM, 2014.

O mesmo ocorre com a empregabilidade dos desligados com idade abaixo de 17 anos (faixa etária imediatamente anterior). Os trabalhadores com idade entre 25 e 29 anos também verificaram perdas na capacidade de se reinserirem no mercado formal de trabalho. Sendo assim, trabalhadores com menos de 30 anos sentiram de maneira mais forte os ajustes estruturais da década de 1990.

Por outro lado, verificou-se o aumento da participação de retorno dos empregados com a faixa de 30 a 39 anos, cuja participação era de 22,5%, em 1990, para o ano base 1989, passando para 27,6% em 1999. O maior aumento da inserção por idade verificou-se para as pessoas que possuíam de 40 a 49 anos. No começo da série, esse percentual correspondia a 8,4% no total de readmitidos, e alcançando 18,1% em 1999.

As mesmas características verificaram-se no segundo ano após o desligamento, porém as diferenças na participação na readmissão foram amortecidas. A crescente absorção de

trabalhadores com maior idade pode ser devido à relação positiva entre a produtividade do trabalhador e as experiências geral e específica acumuladas durante toda a vida, isto é, do capital humano acumulado.

#### 4.2.2. Grau de instrução

As firmas na década de 1990 começaram a implementar uma série de mudanças para atender às novas características do mercado.<sup>19</sup> Tais mudanças no processo produtivo fizeram crescer a demanda por trabalho de maior qualificação.

**Tabela 6 – Percentual de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação da MRJF segundo grau de instrução**

Grau de instrução	1989	1994	1998	1989	1994	1998
	Readmitidos em t+1			Readmitidos em t+2		
Analfabeto	1,2	0,7	0,2	0,7	0,7	0,2
4ª série inc.	3,8	4,4	2,3	2,8	3,5	2,8
4ª série comp.	36,6	25,7	24	30,8	28,9	19,2
8ª série inc.	27,6	24,5	19,3	29,2	19	18,5
8ª série comp.	19,4	28,9	30,6	20	31,2	34,9
2º grau inc.	4,8	5,6	7,5	7,5	6,1	7,8
2º grau comp.	5,3	7	14	8	8,9	14,6
Superior inc.	0,4	0,7	0,6	0,7	0,2	0,7
Superior comp.	0,5	0,7	1,4	0,2	1,2	1,2
Ignorado	0,4	1,8	0	0	0,2	0
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelo autor com base na Raismigra/ TEM, 2014.

<sup>19</sup> URANI, A. *Evolução do emprego industrial entre 1989 e 1993*. Rio de Janeiro: Senai-DN/Ciet, 1995.

De fato, quando se analisa a Tabela 6, verifica-se um considerável crescimento da participação de trabalhadores mais instruídos no total de readmitidos no ano posterior a sua saída do mercado formal de trabalho. Essa característica estrutural ocorre concomitantemente à redução da absorção da mão de obra menos qualificada e intensifica-se ao longo dos anos na década de 1990.

O crescimento da facilidade de o indivíduo que possui 8ª série completa ser readmitido no mercado formal de trabalho em detrimento das pessoas com 8ª série incompleta também foi evidenciado, caracterizando o efeito diploma. Esse efeito significa que os ganhos dos agentes que concluíram um ciclo de estudo são maiores do que aqueles que apenas concluíram algumas séries desse nível.

Soares e Gonzaga (1999) trazem evidências de que a educação é o determinante básico do salário e do acesso a postos de trabalho no Brasil. O crescimento do número de pessoas que conseguiram retornar ao mercado com 2º grau completo e curso superior completo foi maior que a quantidade de pessoas com o mesmo grau de instrução incompleto.

Quando se atenta para as particularidades do retorno ao mercado formal no segundo ano após o desligamento da indústria, percebe-se um movimento afim às características do ano imediato à saída do emprego industrial, porém o aumento da absorção de trabalhadores com 8ª completa ocorreu de forma mais forte.

#### **4.3. Características do emprego no momento da readmissão**

Ao avaliar a característica do posto de trabalho no momento da readmissão, buscou-se, para definir as características do novo emprego, a renda média no momento da readmissão<sup>20</sup> e o setor de destino. Com base nessa análise, pôde-se verificar as características do emprego no momento do desligamento.

---

<sup>20</sup> Na pesquisa, foram analisadas as características do emprego e do trabalhador no momento do desligamento e na readmissão. Este artigo deteve-se em analisar o caso da readmissão.

### 4.3.1. Renda média

De forma geral, os resultados obtidos na Tabela 7 indicam que os maiores percentuais de trabalhadores readmitidos recebem de um a dois salários mínimos tanto no primeiro quanto no segundo ano após a saída do último vínculo empregatício.

**Tabela 7 – Percentual de readmissão dos trabalhadores desligados da IT da MRJF segundo renda média em salários mínimos na readmissão**

Renda média	1989	1994	1998	1989	1994	1998
	Readmitidos em t+1			Readmitidos em t+2		
Até 1	8,1	12,2	10,4	8,7	12,7	11,29
1.01 a 2.0	65,2	55,1	61,1	54,6	58,2	68,25
2.01 a 5.0	21,4	24,9	21,4	31,5	22,8	16,75
5.01 a 10	2,1	3,4	3,4	3,3	3,5	2,12
Mais de 10	0,9	2,5	3,1	0,5	1,6	0,88
Ignorado	2,3	1,9	0,6	1,4	1,2	0,71
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelo autor com base na Raismigra/MTE, 2014.

Nota: Leia-se IT como indústria de transformação.

Ao longo da década de 1990, o percentual de trabalhadores com readmissão imediata e com renda média entre 1 e 2 salários mínimos diminuiu sua participação no total dos realocados no mercado formal. No mesmo período, a participação percentual dos trabalhadores com rendimento até 1 salário e com ganho superior a 5 salários observou um pequeno aumento.

Os trabalhadores que retornaram ao mercado dois anos após seu desligamento observaram um aumento de maneira mais intensa ao longo dos anos do que aqueles que recebiam menos de dois salários mínimos. Ao mesmo tempo, o percentual de trabalhadores que auferiam ganhos maiores que 2 salários mínimos diminuiu durante a série, com uma redução mais intensa para os rendimentos compreendidos entre 2 e 5 salários. Essa

retração foi de 31,53% para os trabalhadores desligados em 1989 e readmitidos em 1991, para 16,75% em relação às pessoas desvinculadas em 1998 e readmitidas em 2000.

#### **4.3.2. Setor de destino**

A readmissão dos trabalhadores por setor de destino pode ser observada pela Tabela 8. A indústria de transformação aparece como a maior absorvedora dos desligados. Quando o trabalhador desligado da indústria da microrregião de Juiz de Fora não foi readmitido no próprio setor de origem, ele migrou para o terciário, geralmente os serviços e o comércio, seguidos da construção civil.

No segundo ano subsequente ao desligamento, a mobilidade em direção a esses três setores foi ainda maior, tendo em vista que a indústria de transformação possuía uma menor probabilidade de readmissão, pois muitos trabalhadores do setor de serviços não possuem registro em carteira de trabalho assinada, possivelmente sendo que esses resultados estão subestimados.

Outra importante característica foi o maior percentual de trabalhadores que foram realocados um ano após o desligamento, o que supera o dos trabalhadores que retornaram dois anos depois. Esses números revelam a maior dificuldade do trabalhador desligado de se reinserir no mercado de trabalho no mesmo setor de origem quanto maior é o tempo em que fica fora de uma atividade no mercado formal, seja trabalhando na informalidade ou mesmo desempregado. O maior crescimento das chances de readmissão, nesse caso, passou a acontecer nas atividades de serviços, comércio e construção civil.



**Tabela 8 – Percentual dos trabalhadores desligados da IT da MRJF e readmitidos segundo o setor de destino**

Setor de destino	1989	1994	1998	1989	1994	1998
	Readmitidos em t+1			Readmitidos em t+2		
Ext. mineral	0,2	0,2	0,1	0	0,2	0
Ind. de tranf.	79,4	75,5	70,2	71,8	62,7	64,9
Siup	0,2	0,2	0	0	1,2	0,7
Cont. civil	2,6	1,4	2,6	1,4	3,8	3,7
Comércio	5,7	8,7	11,2	7,3	12,2	14
Serviços	8,4	10	14,2	13,2	17,8	14,3
Administ. public.	2,1	2,9	1,5	3,3	1,9	1,4
Agropecuária	0,2	0,1	0	0,5	0	0,2
Ignorado	1,2	0,2	0	2,6	0,2	0
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelo autor com base na Raismigra/MTE, 2014.

Como o capital humano<sup>21</sup> desses trabalhadores depende, em grande parte, da manutenção das atividades desenvolvidas ao longo de sua carreira, há indícios de uma maior deterioração do mercado de trabalho. O resultado dos ajustes realizados pelo mercado formal de trabalho indicou, portanto, uma piora das condições de trabalho dos trabalhadores desligados da indústria de transformação da microrregião de Juiz de Fora.

## 5. Considerações finais

Os ajustes derivados da abertura comercial geraram uma diminuição da ocupação na indústria e a terceirização do trabalho no Brasil. Esses movimentos também foram sentidos na microrregião de Juiz de Fora. Entre 1990 e 1999, Minas

<sup>21</sup> Capital humano corresponde ao estoque de conhecimentos, habilidades, saúde e valores que podem levar ao aumento dos rendimentos, à melhoria da saúde ou à aquisição de bons hábitos ao longo da vida de uma pessoa. BECKER, G. S. *Human Capital*. New York: NBER, 1964.

Gerais obteve um crescimento de 5,2% no montante de pessoas ocupadas na indústria de transformação, enquanto a Microrregião de Juiz de Fora perdeu 21% de seus empregos formais nesse setor. Esses resultados evidenciaram uma diminuição relativa do nível de atividade econômica da região estudada frente ao estado mineiro. Tendo em vista essas transformações, o presente trabalho objetivou entender o que ocorreu com os trabalhadores desvinculados de seus empregos na indústria de transformação na microrregião de Juiz de Fora após a abertura econômica.

Assim, procurou-se identificar o perfil dos trabalhadores desligados dessa indústria que retornaram ao mercado formal segundo as características da qualidade do trabalhador e do emprego, e da readmissão destes no setor formal, dos destinos empregatícios dessa mão de obra, incluindo a mobilidade setorial, com ênfase no momento da readmissão.

A primeira evidência encontrada indica que quanto mais tempo o trabalhador ficou fora do mercado formal, menor foi a probabilidade de retorno para esse mesmo mercado.

Constatou-se também que, ao longo da década de 1990, ocorreram mudanças no padrão da probabilidade de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação. Ficou mais difícil para o trabalhador ser realocado no mercado um ano após ser desvinculado, mas houve uma pequena melhora no segundo ano subsequente. O fato foi que a probabilidade de saída do mercado formal de trabalho foi majorada.

Averiguou-se, também, uma maior proximidade do comportamento das probabilidades de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação da microrregião de Juiz de Fora com o estado do Rio de Janeiro do que com o próprio estado de Minas Gerais. A chance de esse trabalhador desvinculado do emprego industrial não retornar ao mercado formal de trabalho foi maior na microrregião estudada do que em ambos os estados comparados.

No que se refere ao perfil médio do trabalhador, quando este retorna ao mercado formal de trabalho, percebeu-se que a proporção de trabalhadores no total de realocados no ano posterior à saída do emprego formal industrial, na faixa etária

abaixo de trinta anos, diminuiu consideravelmente. A conclusão que se tem é que o jovem sofreu fortemente com os ajustamentos da década de 1990. Por outro lado, ocorreu um aumento da participação dos empregados na faixa de 30 a 39 anos, o que está relacionado ao aumento da capacidade de obter um novo emprego da faixa imediatamente anterior no momento do desligamento. O maior aumento da inserção por idade verificou-se para as pessoas que tinham de 40 a 49 anos. Dado que as mesmas características foram verificadas ao se observar o segundo ano após o desligamento, concluiu-se que o acréscimo da absorção de trabalhadores com idade crescente deveu-se à relação positiva entre a produtividade do trabalhador e do capital humano acumulado.

Chegou-se à mesma conclusão ao se observar o comportamento da empregabilidade do trabalhador no momento da readmissão segundo o grau de instrução. Verificou-se um aumento da participação de trabalhadores mais instruídos no total de readmitidos no ano posterior a sua saída do mercado formal de trabalho, simultaneamente à redução da absorção da mão de obra menos qualificada, o que se intensificou ao longo dos anos na década de 1990, mostrando a importância dos investimentos em capital humano. Mas isso não significa que a culpa do desemprego seja do trabalhador que não se qualificou, pois, mesmo que todos eles fossem qualificados, não haveria posição para realocar todos.

Finalmente, a qualidade do emprego no momento da readmissão foi identificada por meio da observação da renda média e do setor de destino. Os maiores percentuais de trabalhadores readmitidos receberam baixa remuneração. A readmissão dos trabalhadores por setor de destino apontou a indústria de transformação como a maior absorvedora dos desligados. Quando o trabalhador desligado da indústria da microrregião de Juiz de Fora não foi readmitido no próprio setor de origem, ele migrou para o terciário, geralmente para os serviços e o comércio, seguidos da construção civil.

Outra importante característica observada foi uma maior dificuldade de o trabalhador desligado voltar ao mercado de

trabalho no mesmo setor de origem, quando se aumentou o tempo em que esse trabalhador ficou fora de uma atividade no mercado formal, seja trabalhando na informalidade ou mesmo desempregado. O maior crescimento das chances de readmissão, nesse caso, passou a acontecer nas atividades de serviços, comércio e construção civil.

Assim, os ajustes produtivos da década de 1990 exigiram que o mercado demandasse, com maior frequência, ao longo da década, trabalhadores mais qualificados, com maior experiência de vida profissional, diminuindo as chances de o trabalhador jovem e com pouco estudo a migrar novamente para o mercado formal de trabalho. O aumento da escolaridade, sobretudo a conclusão de um ciclo de estudo, foi importante para a obtenção de um novo emprego. Conclui-se que a qualidade do emprego adota um comportamento contrário à qualidade do trabalhador, ou seja, empregos com menor estabilidade têm menores rendimentos.